

**As notícias sobre o mundo na GloboNews:  
da teoria do agendamento à construção social da realidade**

*The news about the world on GloboNews:  
from the agenda-setting theory to the social construction of reality*

Ana Carolina Vanderlei CAVALCANTI<sup>1</sup>

**Resumo**

A proposta deste artigo é refletir sobre como os telejornais da GloboNews, canal de notícias da Rede Globo na TV fechada e pioneira neste segmento no país, apresentam o mundo para a audiência brasileira. Procura-se problematizar a teoria do agendamento, a relação da emissora com agências internacionais de imagens para televisão, bem como entender o papel de editores, apresentadores, comentaristas, correspondentes e enviados especiais como pilares da mediação entre o que acontece fora do país e os assinantes do canal. Além disso, busca-se apontar pistas sobre como a GloboNews constrói suas narrativas no noticiário internacional.

**Palavras-chave:** Cobertura internacional. Telejornalismo. GloboNews. Agendamento. Construção social da realidade.

**Abstract**

This article aims to reflect about how the GloboNews TV news programmes present the world to the Brazilian audience. GloboNews is a TV Globo Network channel on narrowcast TV and a pioneer of this segment in Brazil. The article problematizes the agenda-setting theory, the relation between the channel and the international television news agencies, as well as the role played by editors, presenters, commentators and foreign correspondents as mediators of the international events to the audience. Moreover, it looks into how GloboNews builds its international news narratives.

**Keywords:** International news coverage. Television journalism. GloboNews. Agenda-setting. Social construction of reality.

**Introdução**

O noticiário internacional das televisões tem uma relação de dependência com as agências de produção de imagens jornalísticas e estas dão viabilidade econômica às

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE.  
E-mail: ana\_carolinavc@yahoo.com.br

coberturas, solucionando a incapacidade estrutural das emissoras de estarem presentes em todos os lugares onde fatos relevantes ocorrem (NATALI, 2004). A produção em massa de notícias que as agências conseguem fazer, a partir da possibilidade de cobrirem áreas mais vastas dos seis continentes e fornecendo material para muitos veículos de imprensa, resulta em custos mais baixos para os assinantes de seus serviços. Para estes, é a possibilidade de obter mais informações por um preço menor e produzir, para a audiência, um efeito de presença e/ou de proximidade com fatos e acontecimentos internacionais.

As pioneiras das agências internacionais, que trabalhavam essencialmente com texto, surgiram no século XIX. De acordo com Al Hester (1980, p.77), “a venda de notícias como mercadoria de valor definido atraiu primeiramente a quem se dedicava ao comércio, ao transporte marítimo e à diplomacia”. Só posteriormente, os meios massivos tornaram-se clientes. A fim de atender a interesses tão diversos, as agências adotaram como padrão um relativo apartidarismo do noticiário. João Batista Natali (2004) explica que não se trata de uma postura ética e, sim, de mercado.

O material das agências também pode ser considerado pasteurizado em seus assuntos e enfoques. “Não há reportagens destinadas exclusivamente ao telespectador senegalês, tcheco ou brasileiro” (NATALI, 2004, p.47-48). Além disso, Maria Cleidejane Esperidião (2011a, p.109) destaca que os clientes considerados de primeiro escalão “determinam as prioridades na cobertura, eliminando temas e regiões que não sejam de seus interesses e presumindo, portanto, uma uniformidade de conteúdos nas agências”. Por esse motivo, como afirma Luciane Agnez (2012, p.2), os veículos de comunicação “quando desejam uma cobertura internacional de alta qualidade, independente e autêntica”, investem em profissionais próprios na realização de coberturas internacionais, para não depender exclusivamente de conteúdos fornecidos pelas agências internacionais. Nesse contexto, o correspondente ou o enviado especial é visto, de fato, como um diferencial.

Historicamente, as emissoras de televisão costumam ter seus correspondentes em capitais estratégicas do ponto de vista geográfico, político e econômico, onde estão protagonistas regionais e mundiais, fontes de informação com grande poder discursivo e simbólico. É a partir dessas cidades como Nova Iorque, Londres, Tóquio e Jerusalém, por exemplo, que esses profissionais enviam suas narrativas jornalísticas sobre o que

acontece nos Estados Unidos, na Inglaterra, no Japão e em Israel, respectivamente, ou em áreas próximas. Além de receberem mais cobertura, esses países acabam também sendo epicentros de disseminação de repercussões de assuntos que ocorrem longe de seus territórios, perpetuando a lógica de disseminação de uma visão de mundo de forças hegemônicas, a partir do poder e da influência que exercem do ponto de vista político, econômico, militar, cultural, geográfico etc.

O que é reportado pela maior parte das emissoras, com sua própria rede de correspondentes no exterior, acaba por se restringir, quase sempre, a esses mesmos espaços estratégicos – e alguns deles coincidem com as sedes e os interesses das grandes agências internacionais na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Excepcionalmente – provocadas por “mega-acontecimentos”, isto é, por fatos inesperados e de importância jornalística incontestável, que subvertem a rotina das redações e de suas equipes em campo, na definição de Nelson Traquina (2005) ou pela agenda de grandes eventos políticos, econômicos, esportivos etc. – as emissoras deslocam seus profissionais para coberturas em cidades e regiões que costumam ficar fora de seus radares.

Os primeiros estudos sobre a circulação das informações em nível mundial começaram ainda na década de 50. Mas, de acordo com Traquina (2001), foi sobretudo o fluxo de informação a nível internacional que constituiu uma preocupação nos estudos do jornalismo durante os 30 anos seguintes. Uma das conclusões principais desta linha de investigação foi a dependência dos países em desenvolvimento das notícias produzidas pelas agências internacionais sediadas nos países ricos, “o chamado fluxo informativo de sentido único” (TRAQUINA, 2001, p.55).

Provavelmente nenhuma outra organização tenha tanto controle sobre o fluxo de notícias entre as nações do mundo, como as chamadas agências noticiosas globais. Em grande escala, estas agências noticiosas constituem os nervos para a transmissão dos impulsos noticiosos que eventualmente chegarão a centenas de milhões de pessoas em todo o mundo (HESTER, 1980, p. 75).

Neste artigo, a proposta é refletir sobre como os telejornais da GloboNews apresentam o mundo para a audiência brasileira. Procura-se problematizar a teoria do agendamento, a relação da emissora com agências internacionais de imagens para televisão, fontes hegemônicas e periféricas, bem como entender o papel de editores,

apresentadores, comentaristas, correspondentes e enviados especiais como pilares da mediação entre o que acontece fora do país e os assinantes do canal. Além disso, busca-se apontar pistas sobre como a GloboNews constrói suas narrativas no noticiário internacional.

### **A Teoria do Agendamento, as agências de imagens para televisão e o fluxo internacional de informações**

Quando Walter Lippmann, em 1922, publicou o livro *Opinião Pública*, ele antecipou “em cinquenta anos todo um filão de investigação em torno da *teoria do agendamento* (McCombs e Shaw, 1972), que foi no fim do século XX uma das linhas de investigação mais dinâmicas no estudo dos *media* e do jornalismo” (TRAQUINA, 2001, p.52-53, grifos do autor). No primeiro capítulo do livro, Lippman argumenta que os meios de comunicação social são a principal ligação entre os acontecimentos do mundo e as imagens desses acontecimentos na mente das pessoas.

Maxwell McCombs (2009), um dos autores da teoria do agendamento, argumenta que a maior parte dos temas e preocupações que despertam nossa atenção não estão disponíveis à nossa experiência direta pessoal e que os meios de comunicação são a principal fonte de informações dos assuntos públicos. McCombs (2009, p.17) parte da seguinte premissa: “para quase todas as preocupações da agenda pública, os cidadãos tratam de uma realidade de segunda mão, uma realidade que é estruturada pelos relatos dos jornalistas sobre estes eventos e situações”.

Na sua seleção diária e apresentação das notícias, *os editores e diretores de redação*<sup>2</sup> focam nossa atenção e influenciam nossas percepções naquelas que são as mais importantes questões do dia. Esta habilidade de influenciar a saliência dos tópicos na agenda pública veio a ser chamada da função agendamento dos veículos noticiosos (MCCOMBS, 2009, p.17-18, grifo nosso).

McCombs (2009) defende que a audiência usa estas “saliências” da mídia para organizar suas próprias agendas e decidir quais os assuntos são os mais importantes. Ao longo do tempo, os tópicos mais enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos

---

<sup>2</sup> Interessante notar que o autor responsabiliza apenas os jornalistas por esse processo, deixando de fora uma análise sobre, por exemplo, as estruturas organizacionais.

considerados os mais importantes pelo público. A fragilidade nessa percepção do público reside no fato de que ele só tem acesso ao conteúdo que foi previamente selecionado, hierarquizado e destacado pela mídia, ficando ainda mais evidente o poder simbólico dos veículos jornalísticos em estabelecer a agenda pública.

Nesse sentido, as agências de notícias – consideradas a “mídia da mídia” (NEVEU *apud* ESPERIDIÃO, 2011, p. 106) – são criticadas por estabelecer uma agenda pública em nível mundial, uma vez que selecionam as saliências da pauta de suas coberturas a partir, principalmente, dos interesses de seus grandes clientes e, assim, acabam uniformizando o cardápio de notícias oferecido a todos os assinantes de seus serviços e estes, conseqüentemente, fazem a seleção para as suas audiências com base naquilo que já foi previamente “salientado” pelas agências sobre o mundo.

A Nomic (ou Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação), entre os anos 70 e 80, foi o mais importante espaço de debate sobre o fluxo internacional de notícias, mediado principalmente pela UNESCO, segundo Esperidião (2011a). A campanha, que mobilizou líderes de países em desenvolvimento, mostrava que o eixo Sul do planeta mantinha-se à margem da indústria da informação e que também “só sabia dos acontecimentos de sua própria região por meio de pontos de vista contaminados, elaborados e sistematizados nos escritórios de notícias instalados no eixo Norte, ou seja, em Londres, Nova York e Paris” (ESPERIDIÃO, 2011a, p. 58). Havia perspectivas de mudança nesse cenário com o avanço da globalização e o desenvolvimento das tecnologias de comunicação que ainda não se concretizaram.

A principal leitura crítica do noticiário internacional apontava um aspecto consensual: no mundo globalizado, onde a tecnologia permitiria um maior contato com várias culturas e encurtaria distâncias, a invisibilidade da maioria das nações continuaria, e os critérios de noticiabilidade persistiam baseados, consciente ou inconscientemente, nos interesses políticos e econômicos dos países de onde emanava o fluxo informacional (SALINAS *apud* ESPERIDIÃO, 2011a, p.59).

A informação internacional escoada pela mídia permanece sendo prospectada pelo grupo das agências europeias e americanas, principalmente. No cenário das imagens para televisão há duas gigantes, que disputam a liderança do mercado: a Reuters TV e a APTN, braços audiovisuais da Reuters e da Associated Press. Os informes audiovisuais oferecidos às organizações midiáticas por essas agências são

distribuídos aos clientes pré-editados em vídeos, que reúnem entrevistas, som ambiente, imagens em movimento, fotos, gráficos etc. (ESPERIDIÃO, 2011b).

Nas emissoras, os informes das agências são transformados, dependendo da importância do assunto, em notas cobertas, em notas com imagens ao vivo ou em reportagens, com narração de um correspondente e passagem. Em muitos telejornais, assina a matéria quem está mais próximo geograficamente do acontecimento ou num país em que é possível promover uma estratégia de proximidade entre correspondente e fato a partir de uma lógica de pertencimento a uma geopolítica da fonte a ser destacada no conteúdo.

### **O Telejornalismo como espaço de construção social da realidade**

Na década de 1970, surge, nos estudos sobre o jornalismo, o paradigma Construtivista, que – numa clara oposição a Teoria do Espelho – não vê o mundo social e político como uma realidade predeterminada e dura que os jornalistas refletem. Nelson Traquina (2001) explica que, para os construtivistas, os jornalistas não são observadores passivos, mas participantes ativos na construção da realidade. “Apesar das diversas sensibilidades que existem dentro do paradigma construtivista, é partilhada a perspectiva que as notícias são um resultado de processos de interação social entre jornalistas, entre os jornalistas e a sociedade, e entre os jornalistas e suas fontes de informação” (TRAQUINA, 2001, p. 62)

O estudo das notícias como construção social da realidade tem a sua inspiração fundadora nos trabalhos da Fenomenologia Social de Alfred Schutz (CORREIA, 2005), que buscou descobrir os pressupostos, a estrutura e o significado de um mundo de sentido comum (ou de um mundo da vida cotidiana) nas relações intersubjetivas experimentadas pelo homem no processo de compreensão da realidade (SCHUTZ, 2003). As investigações de Peter Berger e Thomas Luckmann (1985) também contribuíram para ressaltar que a realidade da vida cotidiana apresenta-se como um mundo partilhado e, portanto, intersubjetivo, pois o homem é um produto social. Para eles, de acordo com Miquel Alsina (2009), o conceito de construção social da realidade é um processo de institucionalização das práticas e dos papéis na vida cotidiana, um processo, ao mesmo tempo, “socialmente determinado e intersubjetivamente construído.

Isso nos levaria a caracterizar o processo da comunicação como sendo uma atividade socialmente legitimada, para gerar construções da realidade publicamente relevantes” (ALSINA, 2009, p.20).

João Carlos Correia (2005) afirma que a influência das obras de Schutz, Berger e Luckmann provocaram linhas de investigação especialmente dirigidas para a análise da comunicação de massa, que “desempenha um lugar significativo na construção, amplificação, divulgação e partilha de significados” (CORREIA, 2005, p.124). Por meio dos aparatos de produção da mídia, a relação entre jornalistas e seus destinatários é estabelecida por um “contrato pragmático fiduciário social” e historicamente definido, segundo defende Alsina (2009, p. 47). Nesse tipo de contrato, a relação se baseia, principalmente, na confiança de que os jornalistas vão cumprir com o papel que deles se espera.

Os jornalistas têm a incumbência de recopilar os acontecimentos e os temas importantes e dar-lhes sentido. Esse contrato baseia-se em atitudes epistêmicas coletivas, que foram se compondo através da implantação do uso social da mídia como transmissores da realidade social de importância pública. A própria mídia é a primeira que realiza uma prática contínua de autolegitimação para reforçar esse papel social (ALSINA, 2009, p.47).

Iluska Coutinho (2009, p.108) diz que “o conhecimento social da realidade via tela de televisão” se dá por meio de uma janela particular (e não de uma janela que permite ver o mundo), uma vez que envolve desde características do meio à política editorial da emissora responsável pelo telejornal. Neste, segundo Arlindo Machado (2009), os eventos não são apresentados como simples reflexão da realidade ou como mero recurso de aproximação de algo que acontece em outra parte. Tanto enunciados de repórteres quanto de protagonistas são mediações e condição sem a qual não se dá o relato telejornalístico. Essa perspectiva reafirma o caráter de representação da realidade do telejornal (COUTINHO, 2009).

De acordo com Alfredo Vizeu (2009), o Telejornalismo, como espaço para construção social de representações do mundo, tem uma função pedagógica, e esta se concretiza em três dimensões para produzir o conhecimento do cotidiano. Uma delas é a dos processos didáticos, que são operações na produção de uma notícia, que tornam o conteúdo mais compreensível para a audiência e podem ter origem tanto em ações

individuais quanto em coletivas, internalizadas nas rotinas produtivas (VIZEU; CERQUEIRA, 2017). Vizeu e Laerte Cerqueira (2017) apresentam a ambientação, a contextualização, a complementaridade, a exemplificação e a descrição em arte como algumas dessas operações. Nas coberturas internacionais da GloboNews, é possível verificar o papel que elas desempenham na tradução de fatos e cumprem na função do campo jornalístico, transformando discursos herméticos em compreensíveis para o grande público (VIZEU, 2008). Paternostro (2006, p. 120) afirma que “é essa premissa que conduz o trabalho. Se a notícia é rica em dados e fatos, o aprofundamento do tema se realiza nas matérias de arquivo e na participação de comentaristas para explicar melhor o assunto”.

Michael Schudson (2010, p.173) explica que o desafio da reportagem interpretativa, no contexto do jornalismo americano, foi assumido com mais ousadia justamente “pelos correspondentes estrangeiros, que sentiram com mais profundidade a necessidade de buscar esse caminho e tiveram autonomia profissional para experimentá-lo”. Schudson (2010) cita um depoimento de Raymon Gram Swing, correspondente estrangeiro do Chicago Daily News, à Sociedade Norte-americana de Editores de Jornais, em 1953, defendendo a necessidade de explicação nas notícias internacionais.

Se é para compreender a notícia europeia sob qualquer circunstância, ela tem que ser explicada. E se ela é explicada, isto tem que ser feito subjetivamente. Não há persuasão nisso; na Europa, o indivíduo mais valioso para o seu jornal é aquele que manifesta opiniões em seus escritos (SWING *apud* SCHUDSON, 2010, p.173-174).

### **As notícias internacionais na cobertura da GloboNews**

De forma empírica, é possível afirmar que, na GloboNews, o conhecimento social da realidade sobre o que acontece fora do Brasil é construído a partir de operações que mobilizam o uso de conteúdo fornecido pelas agências, o acesso a fontes independentes e, eventualmente, periféricas<sup>3</sup>, a busca por personagens brasileiros (a fim

---

<sup>3</sup> Aqui entendidas como fontes não hegemônicas, que podem apresentar à audiência outra perspectiva de acontecimentos internacionais. Na cobertura que se seguiu aos atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, a GloboNews recorreu a imagens que a emissora Al Jazeera havia conseguido de Osama Bin Laden e que, naquele momento, eram consideradas polêmicas. Mas, segundo a emissora, elas foram exibidas por trazerem um ponto de vista diferente do material gerado pelas agências internacionais.

de aproximar a realidade narrada da audiência do canal), bem como a articulação de responsabilidades de editores, apresentadores, comentaristas, correspondentes e enviados especiais na apuração, contextualização e tradução de fatos e acontecimentos internacionais.

Os correspondentes, profissionais que moram por um período indeterminado em outro país, e os enviados especiais, designados, pontualmente, para cobrir determinados fatos ou eventos, são os repórteres que representam, no exterior, as empresas de comunicação para os quais trabalham. Eles são os mediadores responsáveis por testemunhar e traduzir fatos e acontecimentos internacionais para o público de seus países de origem (CAVALCANTI, 2014). No caso dos telejornais, a presença de correspondentes ou enviados também pode ser compreendida como uma legitimação em torno do universo de práticas cotidianas do fazer jornalístico.

Em outras palavras: manter correspondentes em ‘praças’ internacionais proporciona tanto um incremento no suposto contrato discursivo da emissora em traduzir de maneira mais tangível fatos ocorridos em contextos distantes de suas sedes quanto aponta para uma lógica de poder e legitimação em relação à concorrência. (CAVALCANTI; SOARES, 2013, p.01).

Desde 2010, o slogan da GloboNews é “Nunca desliga” e a sua principal característica é fazer jornalismo em tempo real, 24 horas por dia, sete dias na semana. Na televisão, tempo real é sinônimo de programação ao vivo, isto é, de transmissão direta (FECHINE, 2008) e informação instantânea em primeira mão. Transformar a audiência em testemunha é, justamente, um dos “trunfos” da aposta no jornalismo em tempo real da emissora, segundo afirma João Roberto Marinho, vice-presidente das Organizações Globo, no prefácio do livro *GloboNews: 10 anos, 24 horas no ar*, editado pela Globo em 2006, com organização da jornalista Vera Íris Paternostro.

Esse trunfo, que é também uma marca do canal, seria favorecido pelo fato de sua grade de programação não ser tão rígida quanto à de uma emissora da TV aberta e privilegiar, como regra e não exceção, a cobertura, ao vivo, dos fatos e acontecimentos em curso. “Em vez de apenas ser informado dos acontecimentos, o cidadão passa a acompanhar, minuto a minuto, o seu desenrolar, com todas as idas e vindas, com todas as incertezas que um processo em evolução traz consigo”, afirma Marinho (apud PATERNOSTRO, 2006, p.07). E exemplifica:

Todo fato que tenha repercussão na vida do País e do mundo pode ser acompanhado, integralmente, sem edição, por espectadores cada vez mais ávidos por informação. Não se trata de ligar a câmera e deixar que os eventos falem por si. É preciso que haja jornalistas treinados a contextualizar, de imediato, o que está acontecendo, dar informações complementares que permitam aos assinantes entender melhor a complexidade do que está sendo visto. *Nesse tipo de cobertura, a realidade está em construção*, e, assim, certa dose de imprecisão é inerente ao processo: o fato pode ser primeiramente analisado como uma coisa e ser outra (MARINHO *apud* PATERNOSTRO, 2006, p.07-08, grifo nosso).

No fragmento acima, João Roberto Marinho ressalta o papel dos jornalistas na emissora, como mediadores qualificados para o processo de desvelamento e compreensão do mundo (COUTINHO, 2009; VIZEU, 2014). E, por fim, ele reforça a tese de que os noticiários da emissora não só acompanham realidades que estão em construção (ou desenvolvimento), como também são parte de um processo de construção social da realidade.

De acordo com Paternostro (2006), a rede de correspondentes e colaboradores da GloboNews começou a ser formada antes mesmo da estreia do canal. Os primeiros foram parceiros de rádios que forneciam gratuitamente serviços em português, como BBC, France Internacional e Deutsche Welle. Esses profissionais participavam das coberturas por telefone, ao vivo. A rede depois “se expandiu no contato com dezenas de jornalistas brasileiros, espalhados em vários cantos do planeta” (PATERNOSTRO, 2006, p.122). Com o passar dos anos, os correspondentes se tornaram uma referência do canal, tanto produzindo conteúdo exclusivo como trabalhando a partir do material produzido pelas agências de notícias, como afirma a editora de Internacional Luciana Barros (*apud* PATERNOSTRO, 2006, p.125): “eles acrescentam dados que as agências não trazem e personalizam nossa cobertura”.

Na GloboNews, correspondentes e uma rede frequente de colaboradores<sup>4</sup> estão presentes em cidades estratégicas nos Estados Unidos, na Europa, na Ásia e na América

---

<sup>4</sup> Esses colaboradores costumam participar dos telejornais da GloboNews via Skype, a partir de suas próprias casas, em espaços que lembram ou não escritórios. Via de regra, não fazem reportagens de rua, mas comentam sobre fatos ocorridos no país ou na região onde vivem e podem, eventualmente, tornarem-se referências para o canal, como o jornalista Ariel Palácios, que fala a partir de Buenos Aires, na Argentina. Esses profissionais assumem, por vezes, duas funções: a de correspondentes e a de comentaristas.

do Sul, de onde trazem relatos sobre acontecimentos relevantes. Os profissionais que estão em Nova Iorque e Londres contam com o apoio da estrutura dos escritórios da Rede Globo nesses locais. Os demais, não. Por isso, suas casas acabam servindo também como base e, inclusive, cenário para participações ao vivo na emissora. É importante registrar que as cidades são, na verdade, pontos de referência para as coberturas. A partir de Zurique, na Suíça, por exemplo, a jornalista Bianca Rothier responde também por outras áreas da Europa. E isso significa dizer que ela é deslocada, como enviada especial, para estar no local dos fatos. Nesse sentido, a Rede Globo afirma que “em diálogo com o que há de mais atual no jornalismo internacional, a adoção de aparelhos leves garantiram aos repórteres mais agilidade e aproximação do fato” (Memória Globo, 2018, *informação eletrônica*).

O exemplo a seguir materializa o fazer jornalístico em contexto de mobilidade e conectividade, e como isso privilegia a cobertura da GloboNews. No dia 16 de setembro de 2016, um dos mais críticos da crise migratória na Europa. Bianca Rothier e um repórter cinematográfico acompanhavam o fechamento dos 175 quilômetros da fronteira entre a Hungria e a Sérvia pelo governo húngaro, bem como a reação de centenas de migrantes de várias nacionalidades e refugiados vindos da Síria, que, pegos de surpresa, esperavam permissão para atravessar o país a pé. A jornalista falava ao vivo para a edição das 10h do Jornal GloboNews, usando o Skype<sup>5</sup> de um telefone celular, quando começou um confronto entre as forças de segurança e o grupo que tentava continuar sua jornada rumo ao norte da Europa. No meio do tumulto, a repórter se perdeu do seu cinegrafista. Sozinha, ela gravou com a câmera do celular um depoimento sobre o que enfrentava e testemunhava a sua volta.

Ao longo daquele dia, o material não editado dessas situações foi apresentado nos telejornais da emissora, com contextualizações e comentários de apresentadores que estavam no Brasil e tratavam a experiência em campo da enviada especial como parte da notícia, deixando claras as marcas de autorreferencialidade (FAUSTO NETO, 2008) nas narrativas construídas sobre aquela realidade social, a partir do conteúdo exclusivo gerado pela equipe.

De outra perspectiva, essa mesma parafernália torna possível que a GloboNews informe seus espectadores de uma maneira mais ágil e

---

<sup>5</sup> O Skype é um software que permite chamadas de voz e vídeo via internet.

mais rápida: um simples celular em Israel é suficiente para que o correspondente dê conta do último conflito, com informações em primeira mão. E a internet em banda larga e *wireless* permite que imagens sejam transmitidas digitalmente, prescindindo dos satélites, até hoje muito dispendiosos (PATERNOSTRO, 2006, p.09).

E quanto menores os custos (principalmente a partir de conexões via internet) para a participação de correspondentes e enviados especiais na programação, maior a presença deles como mediadores que fazem a ponte entre realidades diferentes. Um exemplo que se encaixa nessa perspectiva ocorreu em 2018 durante a cobertura do Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, também com a correspondente Bianca Rothier. A jornalista escreveu no dia 28 de janeiro, em sua conta pessoal na rede social Instagram, que este ano o Fórum Econômico Mundial teve a maior participação de chefes de estado e de governo. E que ela também havia batido recorde, uma vez que, em cinco dias, tinha estado 45 vezes no ar (fig.01).

**Figura 01:** postagem da correspondente Bianca Rothier em sua conta pessoal, na rede social Instagram, após a cobertura do Fórum Econômico Mundial, em Davos.



Fonte: Reprodução da internet

Quando Bianca Rothier (ou qualquer outro correspondente da GloboNews) não pode ela mesma ser uma mediadora-testemunha dos acontecimentos narrados – como no exemplo apresentado acima – a sua presença nos locais do fato é substituída por uma construção discursiva que promove um efeito de proximidade, a partir de uma lógica de

pertencimento a uma geopolítica da fonte a ser destacada no conteúdo, a partir ou não de material produzido pelas agências de notícias (CAVALCANTI; SOARES, 2013).

Dos correspondentes, costuma-se exigir que articulem diversas competências para exercerem a função pedagógica do jornalismo. Entre elas, a capacidade de traduzir e contextualizar as notícias para a audiência, construindo versões da realidade a partir do que veem, ouvem, checam (CAVALCANTI, 2014). Para isso, espera-se que dominem outras línguas além da materna e que compreendam o sistema político, econômico, social e cultural tanto da nação que os hospeda quanto da sua (SILVA, 2011). E, cada vez mais, da região onde vive e também da conjuntura mundial.

Na GloboNews, Paternostro (2006, p.126) afirma que “o trabalho dos correspondentes é fundamental, mas, quando o fato acontece e antes do primeiro contato com os repórteres no exterior, são os apresentadores na bancada do estúdio que assumem a responsabilidade pela cobertura”. A jornalista exemplifica com uma situação em que rebeldes armados pró-Chechênia fizeram mais de mil reféns numa escola na cidade de Beslam, na Rússia, em 2004. A operação de resgate empreendida pelos russos, três dias depois, resultou na morte de mais de 300 civis. A emissora acompanhou o desenrolar da intervenção militar ao vivo.

Três dias depois, antes das sete da manhã – horário do Brasil –, as imagens, ao vivo, geradas pelas agências de notícias mostravam que uma agitação tomava conta da escola. Sergio Aguiar estava no camarim se preparando para entrar no ar quando foi chamado às pressas: a polícia russa começava a operação de resgate. Sergio entrou no estúdio. ‘Começou o barulho das explosões e dos tiros. Eu procurava informações nas agências de notícias para a narração, e permanecemos no ar por quase três horas’. Ao lado de Sergio, Sandra Coutinho, editora internacional, fez a tradução simultânea da narração das agências de notícias (PATERNOSTRO, 2006, p.126).

Editores de Internacional e apresentadores da emissora são demandados por competências semelhantes às de correspondentes, uma vez que ao lidarem com a realidade do tempo real em suas rotinas produtivas – mesmo que distantes geograficamente dos acontecimentos, na redação ou no estúdio no Brasil –, precisam corresponder a expectativas de contextualização e tradução da realidade social de outros países para a audiência da emissora. Contextualizar poderia ser classificado, segundo Vizeu e Adriana Santana (2010, p.42), como “colocar o máximo possível de peças no

quebra-cabeça noticioso, contribuindo para que o fato faça parte de uma história, e não visto de forma isolada do mundo que o cerca”.

Os apresentadores, com a orientação e o suporte dos editores, narram sobre as imagens, abastecem-se de informações via agências de notícias, checam com a redação e com as fontes, e recorrem, também, aos seus acervos pessoais de conhecimento sobre o mundo. Nesse processo, devem sempre estar atentos ao rigor do método jornalístico, que “garante a diferença entre o conhecimento que o jornalismo se propõe a oferecer à sociedade e qualquer outra informação que circula nela” (VIZEU; CERQUEIRA, 2017, p.6).

Além dos correspondentes, enviados, apresentadores e editores, comentaristas (fontes independentes das mais diversas áreas do conhecimento) também formam os pilares que ajudam a audiência a compreender as questões do mundo. Desta forma, a emissora conseguiria cumprir a promessa que faz à audiência de oferecer “jornalismo em tempo real e jornalismo já tratado, já decodificado” (MARINHO *apud* PATERNOSTRO, 2006, p.09).

Francisco Carlos Teixeira, professor de História Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que durante muitos anos foi comentarista de temas internacionais na GloboNews, relata como procurava exercer o seu papel.

É preciso entender como nosso País se localiza nessas questões, o que elas refletem no Brasil, sob o ponto de vista político, principalmente, que é o fundamental. Isso nos obriga a fazer um diagnóstico de conjuntura e, nele, inserir os interesses permanentes do Brasil. Por isso, em muitos momentos, é evidente que temos melhores condições de explicar essas questões do que o conteúdo das agências internacionais, que normalmente não abordam os aspectos que nos interessam (TEIXEIRA *apud* PATERNOSTRO, 2006, p.129).

Paternostro (2006, p.128) explica que, para a GloboNews, enquanto “o jornalista deve manter a imparcialidade no noticiário, o especialista aprofunda a notícia, dá opinião, e, o mais importante, levanta novos pontos para reflexão desses assuntos”. As funções seriam essencialmente complementares, uma vez que “a função do jornalista não é expressar sua indignação, mas tão somente informar” (MARINHO *apud* PATERNOSTRO, 2006, p.08).

Essa visão, com claro objetivo de construir uma imagem de credibilidade e imparcialidade dos jornalistas perante a audiência pode ser interpretada, antes de tudo,

como uma estratégia de mercado. Fundamenta-se no princípio ou mito da objetividade jornalística, “entendido como declarações consensualmente validadas sobre o mundo, com base numa separação radical entre fatos e valores” (SCHUDSON, 2010, p.144), que ainda é legitimado por muitos jornalistas, valorizado pelo público e alvo de muitas discussões.

Além de utópica (para muitos), essa pretensão também não dialoga com a função pedagógica encarnada pelos jornalistas, em especial por correspondentes e enviados especiais, pois esta exige deles não somente a capacidade de fazer relatos objetivos (uma objetividade possível), tendo como prioridade zero a realidade e a verdade dos fatos, como também certa dose de subjetividade (sensações, leituras pessoais etc.) para fazer as traduções e as contextualizações necessárias para a audiência. Além disso, parece incongruente com o atual contexto da sociedade em midiatização (fenômeno operado diretamente pelas convergências tecnológicas), em que complexos processos têm transformado o status do jornalismo e o seu lugar de fala (FAUSTO NETO, 2008).

Dentro dessa realidade, de acordo com Antônio Fausto Neto (2008), esse lugar é estabelecido por novos “contratos de leitura”, que visam a interação com os receptores. A “opacidade enunciativa”, que configurava o estatuto representacional da sociedade dos meios, é substituída por “uma postura enunciativa autorreferencial – a natureza do seu próprio lugar, passando a chamar atenção para o que diz, sobretudo para sobre as operações que faz para nomear realidades” (FAUSTO NETO, 2008, 112-113).

E essa postura enunciativa autorreferencial está cada vez mais presente no noticiário internacional da GloboNews, em que os correspondentes e enviados especiais se colocam, frequentemente, como sujeitos que, além de testemunhas, também chegam a ser personagens das próprias coberturas. No caminho para “interpretar a realidade social” (GOMIS, 1991, p.36), tarefa atribuída aos jornalistas, “molhar-se pela realidade” (FREIRE apud VIZEU; CORREIA, 2008) num sentido mais amplo, o da experiência vivida e compartilhada, tem se tornado parte da rotina.

## Considerações finais

Fica evidente que os telejornais da GloboNews têm uma relação de dependência com as agências de produção de imagens jornalísticas para a televisão, que não só agendam os principais temas do noticiário como fornecem material para as coberturas. Também é evidente, no entanto, que na rotina produtiva dos profissionais que lidam com a realidade dos acontecimentos no mundo, seja no Brasil ou fora das fronteiras do país, esse material é quase sempre apenas ponto de partida. Correspondentes, enviados especiais, colaboradores, apresentadores, editores e comentaristas formam os pilares da cobertura internacional da emissora e tentam cumprir a função pedagógica do jornalismo no cenário das notícias internacionais traduzindo, contextualizando, problematizando e aproximando a realidade do mundo da audiência brasileira.

O contexto atual de mobilidade e conectividade incrementa as possibilidades de cobertura, proporciona maior facilidade no deslocamento dos correspondentes, produção de conteúdo exclusivo e participação nos telejornais da GloboNews. Modificam também, de certa forma, o tom das narrativas, cada vez mais “molhadas” das experiências dos repórteres, que tentam não apenas se aproximar da realidade para relatá-la, mas também para vivenciá-la, reforçando, assim, não só as características de autorreferencialidade, mas, ainda, uma perspectiva nacional dos fatos e acontecimentos internacionais. O acesso a fontes e personagens é facilitado pelas ferramentas disponíveis nas redes sociais da internet e pela cultura participativa, mas as narrativas continuam, em grande parte, sendo construídas a partir de visões hegemônicas sobre o mundo.

## Referências

AGNEZ, Luciane Fassarella. **A profissão de correspondente internacional: entre ameaças e oportunidades.** In: Anais do 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba, 2012.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia.** Petrópolis: Vozes, 2009.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 1985.

CAVALCANTI, Carolina; SOARES, Thiago. **A cobertura internacional do Jornal Nacional: efeitos de proximidade e os fatos “a partir de uma perspectiva brasileira”.** *In:* Anais do 36º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, 2013.

CAVALCANTI, A. Carolina V. **A cobertura internacional do Jornal Nacional: correspondentes, enviados especiais e usos de tecnologias.** Florianópolis: Insular, 2014.

CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz.** Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

COUTINHO, Iluska. **Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários.** *In:* Televisão e Realidade. (Org.) Itania Maria Mota Gomes. Salvador: Edufba, 2009.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

ESPERIDIÃO, Maria Cleidejane. **Gigantes do telejornalismo mundial: mutações editoriais e tecnológicas das agências internacionais de notícias.** Tese (Doutorado em Comunicação Social), 2011a, Universidade Metodista de São Paulo.

\_\_\_\_\_. **Gigantes invisíveis no telejornalismo mundial: agências internacionais de notícias e o ecossistema noticioso global.** *Brazilian Journalism Research*, vol. 7, n.1, p.106-129, 2011b.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo: cómo se forma el presente.** México: Paidós, 1991.

HESTER, Al. **As agências noticiosas ocidentais: problemas e oportunidades nas notícias internacionais.** *In:* REYES MATTA, Fernando. *A informação na nova ordem internacional.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão.** Porto Alegre: Sulina, 2004.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública.** Petrópolis: Vozes, 2009.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Editora Senac, 2009.

MEMÓRIA GLOBO. **GloboNews 20 anos.** Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/mostras/globonews-20-anos/globonews-20-anos/globonews-20-anos-inovacoes-1.htm> Acesso em: 02/01/2018

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional.** São Paulo: Contexto, 2004.

PATERNOSTRO, Vera Íris (Org.) **Globonews: 10 anos, 24 horas no ar.** São Paulo: Editora Globo, 2006.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimdo a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística**: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

\_\_\_\_\_. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**: escritos I. 2. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

VIZEU, Alfredo; CERQUEIRA, Laerte. **Saberes da pedagogia no telejornalismo**: Paulo Freire e a prática jornalística. *In*: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR, São Paulo – SP, 2017.

\_\_\_\_\_. Jornalismo e Paulo Freire: o conhecimento do desvelamento. Revista **Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 860-877, setembro-dezembro 2014.

\_\_\_\_\_. SANTANA, A. **O lugar de Referência e o Rigor do Método no Jornalismo**: algumas considerações. *In*: Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 22, p. 38- 48, janeiro/junho 2010.

\_\_\_\_\_. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. Revista **Famecos**, Porto Alegre, nº 40, dezembro de 2009, quadrimestral.

\_\_\_\_\_. CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo**: do lugar de segurança ao lugar de referência. *In*: A sociedade do Telejornalismo. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.